



PREÇOS NÃO ACOMPANHARAM BOA PRODUTIVIDADE

Apesar de na maioria das culturas para indústria os volumes terem sido acima da média face a anos anteriores, o produto continua a não ser valorizado, criando sérias dificuldades na rentabilidade da fileira. Os produtores pedem soluções para que se obtenham preços justos para a qualidade dos bens produzidos em Portugal, numa altura em que 2020 arranca com sérias dificuldades, devido ao clima.

Ana Gomes Oliveira

A descrição é transversal e recorrente. Produtores de tomate, pimento, curgete, passando pelos de cebola, brócolo, ervilha ou outros hortícolas destinados à indústria, dão conta de um ano agrícola muito bom em 2019 em termos de volumes produzidos, mas com fraca valorização do produto.

Gonçalo Escudeiro, responsável pelos horto-industriais na FNOP (Federação Nacional das Organizações de Produtores e Hortícolas), dá conta disso mesmo. «Todas as culturas tiveram resultados médios acima do normal. Mas isso não quer dizer que se transporte todo esse potencial produtivo e de qualidade num resultado final muito bom. Apesar dos produtores terem tido bons volumes, no final, a margem que fica é curta porque os produtos estão muito pouco valorizados».

O mesmo responsável, que é também director da Torriba, refere que, por exemplo, no tomate de indústria, a campanha acabou por ser muito concentrada a partir da primeira semana de Agosto até finais de Setembro, não se conseguindo ir buscar bónus de precocidade. «Foi um ano em que não choveu, permitindo instalar bem, mas os meses de Maio e Junho

foram frescos e atrasaram um bocadinho as colheitas, nomeadamente de tomate, batata-doce e milhos. Em Novembro, quando colhemos algumas dessas culturas, já houve bastante chuva. Mas lá está, até Setembro conseguimos trabalhar sem chuvas e isso permitiu ter um ano equilibrado em termos de produção. No tomate, a situação mais crítica foi o facto de termos perdido essa precocidade, que era muito importante. Este ano vamos ter esse mesmo risco, de não termos a primeira valorização da campanha».

Também da Torriba, Rodrigo Vinagre refere que actualmente o mercado exige tomate de qualidade ao mais baixo preço. «É essa oferta que é feita ao consumidor. Enquanto for assim, é muito difícil que alguém consiga valorizar o nosso produto. Corremos o risco dos stocks diminuírem e o produto ter obrigatoriamente uma valorização superior, ainda para mais numa altura em que estamos a atravessar uma crise com a pandemia. Ou seja, numa altura em que poderão existir mais dificuldades os preços poderão ter tendência a subir».

Se não forem encontradas soluções, complementa Gonçalo

Escudeiro, «perante um ano menos produtivo, e tendo em conta as condições da valorização do produto, os agricultores não vão conseguir aguentar. Só aí o mercado vai perceber que não pode manter estas condições, porque deixa de ter matéria-prima». É que há uns anos, o consumo anual de tomate subia entre 2 a 3%, ou seja, em anos onde se produzisse muito esse excesso era comido pelo aumento do consumo. Mas esse crescimento no consumo não está ao mesmo ritmo e, portanto, «este excesso de oferta, na minha opinião, vai ser colmatado por duas vias: com a redução de áreas e com a redução de anos agrícolas difíceis».

Por sua vez, Rodrigo Vinagre acrescenta que as margens não foram de facto proporcionais ao bom ano agrícola e que, por outro lado, vigora «um regime de fiscalidade muito penalizador». E concretiza: «Quando temos anos bons, o resultado é altamente taxado. Agora estamos a ter um ano com custos de produção muito mais altos, com mais tratamentos e mais operações nas terras e vamos pagar impostos do ano passado, quando já estamos a gastar uma parte significativamente maior do que em 2019. Este sistema fiscal penaliza-nos bastante. A Torriba tem tentado chegar esta informação ao Ministério, o da necessidade de termos um sistema diferente, se calhar mais alargado e estabelecer um prazo dilatado para estes períodos em que poderíamos diluir os anos bons quando não corre tão bem. O que pedimos é uma adaptação do regime fiscal à nossa actividade».

2020 apresenta-se difícil para a produção

E se as contas estão feitas para 2019, o sentimento é de apreensão face a este ano. Os dois responsáveis relatam um ano particularmente difícil, em que os planos de escalonamento das diferentes culturas para as agro-indústrias estão a ser muito comprometidos. «Tivemos em Abril e Maio muita chuva e custos muito elevados. Temos neste momento algumas áreas de produção comprometidas e outras em que ainda não sabemos se vamos conseguir instalar. Portanto, estamos muito apreensivos», diz Gonçalo Escudeiro.

Além disso, o mesmo responsável alerta para o momento que estamos a viver em virtude do surto de covid-19. «Portugal não está preparado do ponto de vista dos instrumentos de gestão de crise, sendo que a Europa tem estes mesmos instrumentos disponíveis para cada Estado-membro poder usar, nomeadamente na fileira agro-industrial. Portugal não tem essa condição legislada, o que é muito crítico neste momento. Ninguém quer alimentar a crise, agora, quando ela aparece, temos de estar preparados».

A opinião é corroborada por Rodrigo Vinagre, que acrescenta aqui mais um factor. «Não somos pessimistas, mas há aqui um aspecto importante, que é a falta do canal Horeca, que tem uma grande importância no escoamento de grande parte dos bens que produzimos. Apelamos, por isso, a que as pessoas consumam produtos nacionais o mais possível».



EXPLORE

Diferentes Soluções de Corte de Frutas e Vegetais

A Urschel apresenta-lhe um espectro variado de soluções de corte para frutas e vegetais caracterizados pela sua eficácia e eficiência.

Os moinhos Comitrol® recorrem a um processo controlado de moagem que garante uma redução uniforme do tamanho das partículas e uma produção contínua.



URSCHEL®
The Global Leader in Food Cutting Technology

Contate a Urschel para fazer um teste ao seu produto:
URSCHEL INTERNATIONAL LTD. | +351 21 771 05 50
portugal@urschel.com | www.urschel.com

Agromais com perspectivas de futuro na batata-doce

Também na Agromais o ano 2019 foi genericamente bom, com boas produtividades em várias culturas, nomeadamente em tomate, batata, cebola e pimento. Jorge Neves, director geral desta Organização de Produtores, relembra que estão sempre muito dependentes do clima, mas o ano passado não pregou partidas nesse aspecto.

«Tudo se instalou no devido tempo, em boas condições e vamos ver como será 2020, onde já tivemos um período de muita chuva, que condicionou e tem estado ainda a condicionar a instalação de algumas culturas. Para já, sabemos que há determinados produtos que já estão bastante afectados e que tem a ver sobretudo com stocks da campanha anterior, nomeadamente cebolas e batatas. A quebra quase total do canal Horeca em diferentes países fez com que haja excedentes com bastante expressão. Temos a grande distribuição de alguma maneira a aproveitar esta situação, e temos consumido muito produto da campanha passada, porque os armazenistas e os produtores estão de tal maneira desesperados que venderam a qualquer preço. Esses bens entram na grande distribuição numa altura em que já deveríamos estar a consumir, no caso das cebolas, produção actual. Já vi cebola em Portugal ficar no campo por colher, o que é uma coisa gravíssima, porque os supermercados preferem comprar mais barato. Estamos a falar de milhares de euros por hectare, no caso da cebola».

Tendo em conta este contexto, prevêem-se dificuldades para este ano e a pensar no futuro, a Agromais tem procurado diversificar a sua oferta. Têm estado a fazer experiências com batata-doce ao nível da sua conservação em armazém e Jorge Neves diz que o projecto tem corrido «muitíssimo bem». «A batata-doce não é fácil de conservar e chegámos a um patamar em que já começamos a ficar confortáveis». Chegaram a avançar com o alho, mas descontinuaram esta cultura, por trabalhar «num mercado muito volátil». A concorrência da China torna inviável este negócio. «Colocam alho em Portugal a preços absurdos, portanto, em teoria deveria haver direitos

para pagar, na prática os produtos entram sem qualquer barreira. Vamos aguardar por melhores dias».

Chuvas de Abril e Maio atrasam culturas

Fernando Costa, da Sociedade de Ciências Agrárias de Portugal, destaca as boas produtividades do tomate de indústria em 2019. «Foi um ano recorde, com uma média por hectare perto das 100 toneladas. O único ano parecido com este foi o de 2015, em que tivemos uma média de 96 toneladas por hectare». O ano seco e não muito quente permitiu às plantas estarem sempre a trabalhar no seu óptimo fisiológico, resultando nessas produções. «Não foi só no tomate, foi também no pimento e noutras culturas de Primavera-Verão». Também em termos de pragas e doenças foi um ano tranquilo, sem problemas de míldio, como ressalva Fernando Costa.

Já este ano tem havido uma grande pressão de míldio, ao que se acresce os atrasos em várias culturas, devido às muitas chuvas de Abril e Maio. «Em Abril, por exemplo, a média foi superior ao dobro do que é normal chover neste mês e está tudo muito atrasado face ao que era expectável. Sabemos que as plantações tardias não têm o mesmo potencial e por estes factores olho com alguma apreensão a próxima campanha. Setembro e Outubro terão muita importância.

O engenheiro agrónomo frisa como seria importante manter as médias de 2019, «pois, como estão os preços, não é rentável. O sector do tomate só resulta para quem é eficiente na produção, quem é capaz de fazer mais com menos». Porém, além do clima, há ainda outra esperança para 2020, que se prende com o decréscimo de produção nalgumas geografias mundiais, nomeadamente os Estados Unidos e a China. «Pode-se estar aqui a caminhar para um equilíbrio entre a produ-



Ervilhas

Mucio

Variedade com folha, ciclo 840 (unidades de calor), alto rendimento, flexibilidade na colheita mantendo a qualidade do grão.



D85481

(COLORADO)

Variedade com folha, ciclo 910 (unidades de calor). Conjunto de resistências reforçado.

DGL0046

(CONTIGO)

Variedade áfila, ciclo 815 (unidades de calor). Conjunto de resistências reforçado.



Curgete

Vitulia

CARACTERÍSTICAS

- Planta compacta de porte ereto e vigor médio. Entre nós curtos e estrutura muito aberta.
- Fruto ligeiramente liso de cor verde médio-escuro.
- Resistência intermédia (IR): WMV, ZYMV, Gc e PX

Asso

CARACTERÍSTICAS

- Fruto de cor verde médio-escuro, brilhante, cilíndrico, comprido e muito uniforme.
- Alta produção e constância durante todo o ciclo de produção.
- Resistência intermédia (IR): CMV, WMV, ZYMV, Gc e PX

syngenta®

ra e a oferta, o que pode ser um sinal favorável para o sector. A pandemia acabou também por travar a globalização, fazendo aumentar a procura por mais produtos internos, digamos que houve uma nacionalização dos mercados e a realidade não será a mesma daqui para a frente», finaliza.

Provape defende melhor posicionamento do produto

O ano de 2019 também correu bem na Provape – Cooperativa Agrícola do Vale da Pedra ao nível de produtividades, mas, à semelhança de outros produtores, continua a haver uma pressão muito forte nos preços. «Estamos francamente asfixiados, porque estamos a vender muito produto abaixo do preço de custo», refere Marco Dias. Uma “asfixia” que se reflectiu na campanha que está a decorrer. «Reduzimos substancialmente as áreas. O nosso *core business* é o tomate e o que nos estão a pagar não é suficiente. Em três anos, a Provape perdeu cerca de 900 mil hectares de área de tomate».

Apesar de produzir também outros horto-industriais, como o brócolo, a ervilha e fava, o tomate de indústria representa 95% da actividade da Cooperativa, tendo por isso um grande impacto.

«Estou há 20 anos na Provape e nunca tivemos uma produtividade tão grande, mas volto a frisar, a rentabilidade não foi a desejada, nem de perto nem de longe. Tem de haver um reequilíbrio e penso que não tem a ver com a lei da oferta e da procura. Com a dimensão do nosso País, nunca podemos estar sujeitos a determinados mercados, porque vai haver sempre alguém em qualquer parte do Mundo que vai ter sempre mais barato do que nós. Eventualmente, temos de nos posicionar noutra patamar, em que temos de vender qualidade, segurança alimentar, sabor... ou seja, temos de vender outras coisas que não o preço».

Se não houver mudanças, a sentença é a de que cada vez se produzirá menos tomate de indústria, defende. Aliás, é o que se tem vindo a verificar, com a gradual redução de áreas. «É isso que vai acontecer se não se posicionar mais valor ao produtor e a continuar assim estou convencido que Portugal, nos próximos dois, três anos, estará a fazer à volta de nove mil hectares. Para quem já fez 19.500 é uma diferença muito grande». Ou seja para Marco Dias o caminho passa por «posicionar melhor o produto para conseguirmos vender melhor».

Lagoalva procura a diversificação

João Fonseca, director-geral do Grupo Lagoalva, faz um balanço positivo de 2019, com as produções de ervilha e batata de indústria a correrem bem, mas ressalva os problemas verificados na colocação do produto no mercado, devido a excesso de produção.

No conjunto das várias explorações que têm, fizeram 55 hec-



tares de batata e 91 ha de ervilha. «A ervilha correu mesmo muito bem, tanto que este ano aumentámos a área para 130 ha».

Com vista a diversificar a oferta, a Lagoalva está a fazer, pela primeira vez este ano, abóbora manteiga. «Em princípio será para consumo em fresco. Tem uma exigência maior, uma conta de cultura mais alta, mas pensamos que terá bons resultados no futuro e interessa-nos diversificar», explica João Fonseca.

Monliz mantém volumes em todas as culturas

Em termos de clima, todos os anos poderiam ser como o de 2019, que os produtores ficariam agradecidos. Gustavo Gaudêncio, engenheiro agrícola da Monliz, dá conta de um bom ano de produção. Tão bom que, perante grandes volumes e alguma concentração de colheitas, foram obrigados a pensar novas estratégias para dar vazão à matéria-prima.

A Monliz arrancou com ervilha e fava em Abril, com produções dentro da média. Seguiu-se a campanha de Primavera com brócolo, a começar em Maio – «com médias acima do normal e colheitas muito concentradas, sem grandes problemas de pragas e doenças». No final de Maio começou-se com a curgete, que obteve produtividade na média. Já no tomate verificou-se um pequeno atraso. «Só temos uma abertura para fazer tomate, que é na finalização do brócolo de Primavera, porque na última semana de Julho já temos as duas linhas com a capacidade máxima da fábrica ocupadas com pimento. Assim, temos feito tomate em meados de Julho, à volta de 4.000 a 5.000 toneladas. Neste caso, atrasámos uma semana e não conseguimos fazer a quantidade toda por falta de capacidade de processamento». Perante esta “enchente”, a Monliz optou por encaminhar o produto para outra indústria, não prejudicando assim o produtor.

É que a par do que se estava a passar no tomate de indústria, houve antecipações de colheita de pimento, com produções acima da média e com mais volume por semana, impossibilitando a Monliz de fazer mais tomate em Agosto e Setembro. «O pimento teve produções muito concentradas. Produtores que normalmente faziam colheita em três vezes, fizeram no ano passado uma única passagem por hectare. Houve alguma perdas de pimento em campo porque não havia fábrica que respondesse a tanta quantidade».

Mesmo com estas perdas, Gustavo Gaudêncio frisa que no final o produtor tirou rendimentos acima da média.

Anualmente, a Monliz colhe 21 mil toneladas de pimento para a indústria, conseguindo em 2019 essa quantidade com menos área, porque, explica o mesmo responsável, têm vindo a ajustar os rendimentos por produtor, porque a produtividade por hectare tem vindo a aumentar «e assim ninguém sai prejudicado». Recorde-se que a Monliz agrega 100 produtores de pimento, num total de 250 em toda a fábrica e outras culturas horto-industriais.

Uma delas é a batata-doce, que atingiu valores recorde no ano passado. «Fizemos 4.500 toneladas em 80 hectares e este ano vamos fazer mais». Ainda este ano, a empresa de Alpiarça retoma a abóbora, tendo também entrado o brócolo de Inverno.

«Este ano está a ser terrível. Em Março choveu bastante e agora em Abril foi também um desastre, com atrasos nas plantações de pimento. Trabalhámos o Inverno inteiro na planificação do pimento e o clima trocou-nos as voltas. Tivemos de atrasar a campanha e as plantações que deviam acabar no final de Maio vamos estender ao início de Junho, para não haver picos, porque depois não temos capacidade de respos-

ta na colheita». Os produtores rezam para que Setembro não seja chuvoso, porque há muitas toneladas a receber esse mês. «As dificuldades deste ano são muitas mas não vamos reduzir volumes em nenhuma cultura. Foi um arranque difícil, mas penso que agora é que as coisas estão a andar. Está a ser um ano muito heterogéneo e com pressão de doenças».

TEF arrisca com horto-industriais biológicos

Os preços baixos também se fazem sentir na TEF – Organização de Produtores de Horticultura Sustentável que, com cerca de 70 associados, produzem horto-industriais em Agricultura Biológica.

Fátima Alves, engenheira agrónoma da OP, relata-nos o ano de 2019. «Foi bom. Apesar de uma Primavera um pouco chuvosa, o que atrasou um pouco as plantações, não foi um ano demasiado quente, e quando a chuva parou as plantas desenvolveram bem, com bom vingamento, pouco aborto floral. Além disso, não foi um ano de pragas. Como não se verificaram picos de temperatura, permitiu colheita até ao fim. Ou seja, foi um ano muito favorável ao nível da produção, sem problemas graves de mosca branca».

Porém, a baixa valorização do produto tem impacto neste modo de produção, que exige altos custos operacionais. «Por um lado temos a questão das terras, que para o biológico não são as mais férteis, exigem muita preparação e são difíceis de manter. Para conseguirmos fazer a rotação de culturas tem de haver mercado para essas mesmas culturas e nem sempre é fácil. E para os horto-industriais em biológico essa dificuldade é acrescida. Estamos um pouco limitados» refere a técnica, que defende que a agroindústria daquela região do Ribatejo não está vocacionada para fazerem a rotação. «A venda não





está garantida. Temos arriscado e temos conseguido, mas é sempre uma incerteza. É um risco que temos vindo a correr para não perdermos a terra, a certificação».

O tomate de indústria representa a maior fatia dos horto-industriais produzidos pela TEF, que também trabalham em biológico o pimento, a curgete, brócolo, beringela e abóbora.

Actualmente, e em termos de horto-industriais biológicos, Fátima Alves refere dois “tendões de Aquiles”: «os herbicidas, principalmente no tomate, que é uma cultura que necessita de herbicida porque as plantas entram imediatamente em competição, abafam o tomate e é muito caro pôr pessoas a mondar a terra, tendo de ser feito mais do que uma vez; e os fungos, que são difíceis de controlar». O resto, diz, «vai-se conseguindo».

Fresh 52 cria fábrica para exportação de cenouras baby

A pandemia pôs algum travão ao projecto da Fresh 52 com cenouras baby em Almeirim, mas em declarações à nossa revista, Peter Knight, vice-presidente da empresa, refere que os ensaios têm estado «a correr muito bem». «Apesar da Agroglobal ter sido cancelada por causa do surto de covid-19, o ensaio que lá instalámos prossegue e em breve poderemos avançar mais alguma coisa».

Recorde-se que a empresa vai criar uma unidade de transformação de cenouras baby para exportação naquele concelho, num investimento de 50 milhões de euros que vai criar 183 novos postos de trabalho. A nova unidade permitirá «produzir *snacks* saudáveis, entre os quais embalagens de várias dimensões contendo cenouras baby de elevada qualidade e espera alcançar no prazo de um ano um volume de negócios de 35 milhões de euros».

O novo projecto irá nascer em Almeirim, na Quinta Alorna, e será a primeira unidade de processamento de cenoura baby de tipo “Imperador” da Europa. Prevê, numa primeira fase, a produção de 600 hectares deste tipo de cenoura fina e comprida e a sua transformação em *snacks* (palitos de cenoura) e sumo de cenoura.

A Fresh 52 prevê arrancar com a laboração da fábrica em Almeirim no final de 2021, neste megaprojeto, que será parcialmente financiado pelo Banco Europeu de Investimento. ●



CONFIANÇA
INOVAÇÃO
QUALIDADE



SEDE
TECNIFERTI, S.A.
Rua de Ourém, Lote 14, 2º I
Urb. Almoinha Grande
2415-780 Leiria | PORTUGAL

T. +351 244 860 210
F. +351 244 860 219
E. tecniferti@tecniferti.com